

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

LARISSA ALVES BOTOSSO
LUIZA PELOGGIA GRANATO

A ESCOLA E O PROCESSO CRIATIVO

Taubaté – SP
2020

LARISSA ALVES BOTOSSO
LUIZA PELOGGIA GRANATO

A ESCOLA E O PROCESSO CRIATIVO

Trabalho Final de Graduação apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Pedagogia, do Departamento de Ciências Sociais e Letras, da Universidade de Taubaté, sob a orientação do Professor Dr. Silvio Luiz da Costa.

Taubaté – SP
2020

Folha da biblioteca

FOLHA DE AVALIAÇÃO

LARISSA ALVES BOTOSSO
LUIZA PELOGGIA GRANATO

A ESCOLA E O PROCESSO CRIATIVO

Trabalho Final de Graduação apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Pedagogia, do Departamento de Ciências Sociais e Letras, da Universidade de Taubaté, sob a orientação do Professor Dr. Silvio Luiz da Costa.

Apresentado em:

BANCA AVALIADORA

PROFESSOR(A)	INSTITUIÇÃO	ASSINATURA
Dr. Silvio Luiz da Costa	Universidade de Taubaté	
Dr. Maria Teresa de Moura Ribeiro	Universidade de Taubaté	
Ms. Cleusa Vieira da Costa	Universidade de Taubaté	

Dedicamos esse trabalho à nossas famílias.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus pela concretização dessa importante etapa das nossas vidas.

Ao nosso professor e orientador Silvio da Costa, por todo ensinamento ao longo do ano e por toda motivação e dedicação.

A todos os professores do curso de Pedagogia, que foram de extrema importância ao longo de toda nossa caminhada.

A nossas famílias e amigos que caminharam junto a nós neste processo.

A todos obrigada por permitirem que este trabalho se tornasse realidade.

“A única maneira de fazer um excelente trabalho é amar o que você faz.”

Steve Jobs.

RESUMO

O presente estudo refere-se a uma pesquisa sobre criatividade na educação. A ação criativa está associada à busca por superações, e então ao pensarmos em educação, devemos tê-la como um instrumento de transformação e humanização. Essa monografia tem por objetivo refletir o processo criativo no ambiente escolar, considerando fatores que podem estimular a criatividade ou inibi-la, analisando qual o papel do professor nesse processo. O estudo, de caráter bibliográfico, iniciou-se com um levantamento de pesquisas nas bases de dados *SciELO- Scientific Electronic Library Online* e *Portal de Periódicos CAPES*. Entre os principais resultados destaca-se que o homem é um ser criativo e que a criatividade está presente desde o seu primeiro momento de vida. A criatividade acontece no cotidiano e é favorecida quando valorizamos a espontaneidade. Assim, verificamos que a escola faz parte desse processo, podendo influenciar de forma favorável, contribuindo na promoção da autonomia do sujeito desde a infância com um espaço e um tempo que possibilitem experimentação, exploração, novos desafios e descobertas. Destacamos por fim, a centralidade do papel do professor na superação de possíveis atitudes limitadoras, mecanizadas que inibem a criatividade e em propor atividades criativas que tenham o aluno como protagonista do processo de aprendizagem.

Palavras chave: criatividade; processo criativo; ambiente escolar.

ABSTRACT

The present study refers to research on creativity in education. Creative action is associated with the search for overcoming, and so when thinking about education, we must have it as an instrument of transformation and humanization. This monograph aims to reflect the creative process in the school environment, considering factors that can stimulate creativity or inhibit it, analyzing the role of the teacher in this process. The study, of bibliographic character, began with a survey of theoretical foundations in the *SciELO- Scientific Electronic Library Online* and *Portal de Periódicos CAPES*. Among the main results, it is noteworthy that man is a creative being and that creativity is present from the first moment of life. Creativity happens in everyday life and is favored when we value spontaneity. Thus, we verify that the school is part of this process, being able to influence in a favorable way, contributing to the promotion of the subject's autonomy since childhood with a space and a time that allow experimentation, exploration, new challenges and discoveries. Finally, we highlight the central role of the teacher in overcoming possible limiting, mechanized attitudes that inhibit creativity and in proposing creative activities that have the student as the protagonist of the learning process.

Keywords: creativity; creative process; school environment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I CRIATIVIDADE	13
1.1 O que é criatividade?.....	13
1.2 O homem como ser criativo.....	14
1.3 Criatividade e criança.....	16
II ESCOLA E CRIATIVIDADE: PARADOXOS	20
2.1 Escola um local para a criatividade	20
2.2 A falta de incentivo da criatividade no ambiente escolar	22
2.3 A tecnologia e a criatividade.....	26
III - COMO A ESCOLA INCENTIVA A CRIATIVIDADE	29
3.1 A influência da ambiência escolar	29
3.2 Atividades criadoras	32
3.3 O professor e o processo criativo	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa consiste em um estudo sobre o processo criativo dentro da escola. O interesse pelo tema da criatividade na escola nos acompanha desde o início do curso quando no primeiro semestre, a partir dos estudos realizados na disciplina de Tecnologias Educacionais, desenvolvemos um artigo¹ que apresentamos no XXII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica (INIC), na Universidade do Vale do Paraíba.

Entre as justificativas do estudo consideramos que o tema criatividade é bastante discutido no mundo no que diz respeito a sua importância para o crescimento em esferas tanto intelectuais, econômicas e sociais; seja para o indivíduo, como para o coletivo. Assim, ao longo dessa pesquisa observamos que a criatividade na educação é um assunto que já vem sendo discutido e analisado há bastante tempo. Ressalta-se ainda que o mercado de trabalho tem procurado sujeitos criativos para o crescimento de seus negócios, e que a instituição escolar pode estimular ou inibir o processo criador desde a infância.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar como a escola participa e influencia no processo criativo, podendo contribuir para uma maior autonomia do aluno ou ser um *locus* privilegiado de inibição da criatividade. Desse modo, o estudo tem como principal problema de pesquisa: *Como a escola pode inibir ou estimular o processo criativo?* Desta segue algumas questões correlatas: O que é criatividade? Quando o ambiente escolar estimula a criatividade? Quando não estimula? Qual papel do professor nesse processo?

Dessa forma, realizamos um levantamento bibliográfico, partindo de uma revisão de literatura que trouxe livros e artigos com a temática criatividade na educação. No âmbito da pesquisa realizada, destacamos os estudos realizados por Rosas (2016), no sentido de analisar o papel de Paulo Freire para uma criatividade libertadora; considerações de L'Ecuyer (2016) nos trazendo referências da infância; Lev S. Vygotsky analisadas por Rubem Alves (1995) discutindo o desenvolvimento da criatividade e da autonomia em crianças; Domênico De Masi (2000) e Fayga Ostrower (1977), apresentando definições de criatividade e o desenvolvimento do processo criativo; além de Pocinho e Garcês (2018) e Souza e Pinho (2016) estudando sobre

¹ Artigo intitulado como: As tecnologias e o desenvolvimento de uma aprendizagem criativa.

as questões que circundam a criatividade no ambiente escolar; tivemos ainda as contribuições de Cleusa Sakamoto (2008), nos trazendo estudos de Winnicott, analisando o brincar e criatividade na infância e, por fim, Santos (2018), carregando reflexões de Paulo Freire em que nos traz que o pensamento criativo está associado ao processo de ensino e aprendizagem.

Buscando refletir estas questões, o trabalho está organizado em três capítulos. O capítulo I nos convida a refletir sobre o que é criatividade, explanando que o homem possui potencial criativo desde o nascimento, que o auxilia e permite que se adapte ao mundo, sendo assim uma ferramenta essencial na vida do ser humano.

No capítulo II buscamos analisar quais paradoxos podem haver no ambiente escolar quando nos referimos a criatividade, sendo a escola capaz de promover e potencializar a ação criativa, mas para isso é importante se desvincular de ideias tradicionais em que esta é tratada com indiferença e desatenção. Buscamos analisar ainda de como o uso das tecnologias podem auxiliar nas práticas criativas aplicadas ao ensino.

E por fim no capítulo III realizamos uma reflexão a respeito dos fatores que podem contribuir para que a criatividade esteja presente no ambiente escolar, trazendo a ambiência como um fator primordial, além da busca por atividades estimuladoras, tendo o professor um papel fundamental no processo.

Consideramos por fim, que a criatividade é algo humano e que se mostra como uma capacidade de cada indivíduo, na qual contribui para que o sujeito crie, pense, e faça a diferença na sociedade.

Acreditamos ainda que ao tratarmos da criatividade, podemos distingui-la como uma ferramenta essencial na vida do ser humano, que permite o mesmo elevar o seu raciocínio e sua mente para pensamentos e lugares diferentes. Sendo um potencial, portanto, que não está associado apenas ao domínio da arte, em que somente pessoas ligadas a esse universo, apresentam e a desenvolvem de fato, mas que a mesma, desenvolve comportamentos novos e adaptativos diante de circunstâncias diferentes que surgem no caminho, sendo presente em todos os campos e áreas de conhecimento.

I CRIATIVIDADE

*Criatividade é a inteligência se divertindo.
Albert Einstein*

A criatividade refere-se a uma capacidade de cada ser humano que permite comportamentos novos e adaptativos diante de circunstâncias diferentes, além também de possibilitar explorar situações inovadoras (BRITO; VANZIN; ULBRICHT, 2009, p. 205).

1.1 O que é criatividade?

Na busca por uma definição quanto aos sentidos da palavra criatividade, debruçamo-nos primeiramente no dicionário no qual define-se “criatividade” como “capacidade de inventar, de criar, de compor a partir da imaginação”. Mas, é importante entender que o conceito sobre criatividade não é algo que se explica com uma ou duas palavras, a não ser como uma percepção de vida e de existência humana.

Em nosso levantamento bibliográfico sobre a temática deparamos com o sociólogo italiano Domenico De Masi, o qual afirma que:

[...] criatividade não é só ter ideias, mas saber realizá-las: é unir fantasia e concretude. O burocrata é só concreto, quem alimenta veleidades é só um sonhador. Para que se obtenha um grupo criativo, é preciso fazer conviver pessoas que sejam sonhadoras e concretas (2000, p. 301).

O sociólogo nos mostra nessa reflexão, que a fantasia nos leva a ter ideias, porém isso não é suficiente, é preciso realizá-las através de uma mistura de concretude com a fantasia, que surgem através de materiais inconscientes e conscientes, emocionais e racionais.

Então, quando pensamos em criatividade, podemos colocar que a mesma toma diversas formas, pois o estilo de criar é diversificado de um indivíduo para outro, e que são os diferentes domínios de conhecimentos que influem nisso. Contudo, Pocinho e Garcês (2018) em seus estudos, notaram que existem mitos associados à criatividade,

como por exemplo: a ideia de que apenas alguns são escolhidos para tê-la. Afirmam ainda que existem diferentes estilos de criar e que a criatividade está ligada ao homem desde o seu primeiro ano de vida.

Sakamoto (2008, p.270), baseada nos estudos de Winnicott, nos traz que o brincar na infância mostra-se como um importante aliado no desenvolvimento integral do ser humano, assim, temos a “Teoria da Brincadeira”, a qual nos é apresentado a relação direta no desenvolvimento do potencial criativo e da afetividade, em que através do brincar o indivíduo pode experimentar o estado de relaxamento no qual o impulso criativo se manifesta, desfrutando assim de uma qualidade não-intencional e que transforma-se efetivamente em uma experiência criadora.

Nesse sentido, podemos dizer que criatividade não está associada apenas ao domínio da arte, como pode parecer em um primeiro momento, em que somente pessoas ligadas a esse universo, apresentam e desenvolvem de fato a criatividade. Podemos dizer que além de ser apresentada nos primeiros anos de vida é também ligada nas diferentes áreas de conhecimento, bem como, nas situações do dia-a-dia, como a elaboração de um prato na hora do jantar (POCINHO; GARCÊS, p. 94). Portanto, a criatividade é algo vivo que está em cada ser humano desde a infância o seu primeiro momento de vida, e como outras dimensões humanas pode ser desenvolvida.

1.2 O homem como ser criativo

A criatividade é um potencial e sua realização constitui uma necessidade humana. Podemos explanar que o homem possui uma natureza criativa que se desenvolve dentro de um contexto cultural, e é uma manifestação de liberdade.

Souza e Pinho (2016) nos auxiliam ao trazerem a ideia de que ser criativo, significa ter atitudes livres, assumindo um papel de responsabilidade pela criação (criar+ação) de suas próprias vivências. Sendo assim, “[...] criar transcende a ação de gerar, porque ninguém cria a partir do nada, já que a base para tal processo é a própria experiência” (SOUZA e PINHO, 2016, p.1909).

Fayga Ostrower (1977), aponta que o potencial criador do homem é movido por necessidades de inovação que surgem na história por motivos de transformação e

realização. Essa capacidade de criar afeta o mundo físico, e principalmente os contextos culturais, visto que, as necessidades movem o homem a explorar por algo e o fazem buscar nesse processo criativo, respostas concretas. Para isso, Fayga (1997, p.5) aponta que “a natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldam os próprios valores de vida”.

Assim, o homem como ser criativo, mergulhado em seu meio, precisa ser compreendido como um ser livre, pois “[...] a criatividade é o próprio exercício da liberdade de pensar, de agir, de ser, além dos padrões que adotamos” (SOUZA; PINHO, 2016, p.1909).

Dutra (1999) irá complementar esta ideia do potencial criativo do homem, dizendo que:

O homem, como ser criativo, busca incessantemente seu crescimento interior produzindo ciência ou arte em prol da humanidade. Esta busca proporciona o desenvolvimento cognitivo fazendo com que o indivíduo organize as mais variadas situações criativas que desencadeiam uma multiplicidade de situações na organização e produção do conhecimento (DUTRA, 1999, p.2).

Isto significa que através desta busca constante que o indivíduo sente de imaginar, realizar, ter contato e criar para a sua própria evolução e satisfação, nos mostra que o indivíduo desenvolve novas capacidades ou apoia-se nas que já adquiriu, verificou e vivenciou, ou seja, a capacidade criativa do homem, em vez de se esgotar, pode sempre estar ampliando.

Ao tratarmos da criatividade, portanto, podemos distingui-la como uma ferramenta essencial na vida do ser humano, que permite o mesmo elevar o seu raciocínio e sua mente para lugares e pensamentos fora do “aqui” e do “agora”, possibilitando-lhe acessar o mundo da imaginação (POCINHO; GARCÊS, 2018 p. 4).

Deste modo, contemplamos que a criatividade se apresenta como:

[...] a capacidade da pessoa para produzir ideias, descobertas, reestruturações, invenções, objetos artísticos novos e originais, que são aceitos pelos especialistas como elementos valiosos no domínio das Ciências, da Tecnologia e da Arte (VERNON, 1989 *apud* POCINHO; GARCÊS, 2018 p. 23).

Em síntese, o homem possui a necessidade de ser criativo, de ter novas atitudes e posturas, para que seja capaz de construir determinados objetos diferenciados, conforme a sociedade vai se modificando. Portanto, a criatividade não é algo que se esgota, ela tende a se expandir cada vez mais permitindo ao indivíduo ampliar, construir e transformar (SOUZA, 2013, p.1).

Nesse processo de desenvolvimento da criatividade é importante a forma como o indivíduo enfrenta as situações desafiadoras. Nessa direção, Robinson (2006) compreende que o medo de errar, acaba por desestimular a capacidade criativa. Entretanto, quando nos referimos a crianças pequenas, nota-se, por sua vez, que elas não têm medo de errar e criam suas próprias explicações e suposições.

Logicamente que estar errado não se caracteriza como sinônimo de ser criativo, mas a questão que permeia nesse aspecto é que, se não estivermos preparados para errar, dificilmente será possível criar uma ideia original. E infelizmente hoje, no sistema educacional, quando observamos situações que trazem o errar como a pior coisa, contribui-se para educar as pessoas para serem menos criativas, com pouca ousadia diante de situações novas.

Desse modo, quando falamos do criar, nos referimos ao ser humano a partir de uma existência concreta, de modo que independentemente de quando e onde se manifeste, o mesmo usa de sua imaginação, reflete, sonha e se expressa com liberdade.

1.3 Criatividade e criança

Explorando a relação do homem com o meio Sakamoto (2008, p. 269) dialoga com as contribuições de Winnicott e afirma que o ambiente faz parte do desenvolvimento emocional de qualquer ser humano desde o nascimento, pelas primeiras experiências de cuidado e proteção, o que Winnicott classifica como um ambiente “suficientemente bom”.

O bebê inicialmente acredita que ele próprio criou o mundo, quando por sua vez, o ambiente em que ele vive lhe oferece os objetos que ele deseja, classificando assim, como criatividade primária, ou melhor, do relacionamento inicial do indivíduo com o ambiente.

É nesse momento que o papel da mãe ou de qual seja a figura adulta, se faz essencial para o desenvolvimento dele permitindo o seu relacionamento com o ambiente e conseqüentemente com o mundo.

Nesse sentido, temos que do ponto de vista da criatividade, a relação do homem com o mundo e do objeto com o sujeito é indissociável. Sistematizando as contribuições de Winnicott, Sakamoto afirma que:

A experiência criativa é, em síntese, “uma experiência na continuidade espaço-tempo, presente na abordagem do indivíduo à realidade externa” e traduz “uma forma básica de viver” (Winnicott, 1975, p.75). [...] pode ser compreendida a partir do “fazer” “com propriedade” que se mostra vinculado ao “sentimento de existência” e o “sentimento de ser”, que lhe estão associados. Neste sentido, a experiência criativa sempre revelará o Eu enquanto unidade pessoal e singular, embora não deva estar a serviço desta meta, já que a experiência de viver necessita, para ser genuína, que seja espontânea e conseqüentemente, surpreendente (SAKAMOTO, 2008, p. 270).

Temos assim que é durante a infância que o ser humano além de utilizar seu potencial criativo para adaptar-se ao mundo em que vive, precisa criar uma identidade pessoal, o que podemos assim salientar que será a obra mais criativa de sua vida, uma vez que as demais criações serão advindas desta primeira (SAKAMOTO, 2008, p. 270).

Sabemos que é desde o nascimento que o indivíduo começa a desenvolver seu potencial criativo, baseado inicialmente na afetividade que possui com relação a mãe, e posteriormente com as relações que for tendo ao longo de sua vida, como por exemplo, a relação que tiver com seu futuro professor, o qual poderá auxiliar positivamente para que sua criatividade seja cada vez mais explorada e desenvolvida, mas que também poderá fazer com que ela se torne inativa.

De fato, desde a infância, o ser humano se apresenta com um potencial criativo, que o auxilia e permite que se adapte ao mundo. Temos por hora que, as capacidades criativas fazem parte de qualquer pessoa e em qualquer idade, desde a criança até o idoso, pois cada fase do desenvolvimento humano requer um aspecto criativo específico, “a criatividade está na raiz da vida e a manutenção da existência depende da utilização do potencial criador” (SAKAMOTO, 2008, p. 271). Um potencial criador que se manifesta com intensidade, sobretudo na criança, no ato do brincar.

L'Ecuyer (2016) em seu livro *Educar na curiosidade* reflete que o ato de brincar não é perda de tempo, e sim uma peça chave na relação entre criatividade e criança. “A brincadeira é a atividade por excelência através da qual as crianças aprendem, movidas pela criatividade” (L'ECUYER, 2016, p.77).

Ou seja, pelo brincar os indivíduos exploram a imaginação para criarem ambientes propícios para sua brincadeira, visto que por vezes, um simples galho pode “virar” uma varinha mágica, de maneira lúdica vai construindo sua autonomia intelectual. Por isso, não devemos nos questionar o quanto de criatividade determinada criança tem, mas sim como podemos ajudá-las a ser criativas. Nesse sentido, é importante a interação da criança com o mundo que a rodeia, pois traz situações que provocam a imaginação e a formulação de perguntas, como a busca por respostas na construção do conhecimento.

L'Ecuyer (2016) nos aponta que o primeiro passo para essa contribuição é trazer para a criança coisas concretas, na qual ela sinta desejo de transformar o concreto em algo que nunca foi. Pois, quando ela é capaz de transformar algo que já existe em um objeto novo ou até mesmo uma brincadeira nova, ela estará desenvolvendo o seu pensamento criativo. “O seu desejo inato do conhecimento faz com que procure desafios que se ajustem a suas capacidades, que aprenda e que desenvolva seu pensamento criativo” (L'ECUYER, 2016, p.80).

Desta forma, é possível dizer que o brincar na infância, é um exemplo da maior criatividade e desenvolvimento integral do ser humano. Pois pela experiência do brincar o indivíduo pode viver as experiências mais reveladoras de toda sua vida, além de ter a imaginação mais pura, descobrindo seus melhores encantos e desejos, e principalmente colocando-se à prova de hipóteses sobre o seu entendimento do mundo (KAZUE, 2008, p.1).

Tais considerações ratificam, por fim, que a infância é uma fase de preparação, na qual brincando se aprende a pensar.

[.] A infância deve ser vivida no seu tempo, com tudo de maravilhoso que essa etapa possui: a imaginação, a brincadeira, o significado do mistério, a inocência etc. Pular as etapas da infância é menosprezar o mecanismo com o qual a natureza conta para garantir um bom desenvolvimento (L'ECUYER, 2016, p. 113).

Com isso, ao pensar na criança é importante um olhar sensibilizado para suas vivências e ações, percebendo a mesma como um sujeito ativo que explora a si mesma e ao mundo em que vive. Valorizando assim sua interação com o outro para que ocorra a troca de ideias, valores e até mesmo conflitos, nos quais possibilitem a criarem espaços para a imaginação, e se lançarem de maneira livre em suas ações criativas.

Diante do exposto, percebe-se a importância de trabalhar com a criança desde os seus primeiros anos de vida, no sentido do desenvolvimento do seu potencial criativo, com atividades práticas e lúdicas que favoreçam a descoberta do mundo, possibilitando-a não só enxergar ou aceitar as vivências, mas avaliar, julgar e propor mudanças.

E que a criatividade, assim, é algo humano e que se mostra como uma capacidade de cada indivíduo, onde no decorrer das interações do sujeito com o meio e com as pessoas que estão ao seu redor, demonstra-se uma dimensão emocional, na qual interfere nas possíveis ações criativas, conforme os efeitos que esta interação tem sobre o próprio sujeito.

Deste modo, podemos concluir que criar, vai depender do estímulo, da motivação e do ambiente que o indivíduo está inserido para que o habite a criar, ter novas posturas, e para que seja capaz de construir determinados objetos diferenciados, conforme as mudanças da sociedade.

II ESCOLA E CRIATIVIDADE: PARADOXOS

A criatividade é o poder de conectar o aparentemente desconectado.

William Plomer

As crianças passam boa parte da infância no ambiente escolar. É objeto deste capítulo refletir a criatividade na escola. Afirma Ken Robinson (2006): “A criatividade hoje é tão importante na educação como a alfabetização e deve ser tratada com a mesma importância”. A escola pode influir positivamente para o desenvolvimento da capacidade criativa do ser humano, proporcionando autonomia e espaço para tomada de decisões, mas também pode ter situações inibidoras do processo criativo.

2.1 Escola um local para a criatividade

No levantamento do estado da arte em torno do tema escola um local para a criatividade, quando utilizamos o descritor Criatividade e Escola como busca, nos deparamos com muitos artigos a respeito. Deste material, trazemos para esta reflexão em especial Pocinho e Garcês (2018); Souza e Pinho (2016); Sena e Martins (2013) e Santos (2018), sobre as questões que circundam a criatividade no ambiente escolar e as formas para incentivá-la, superando fatores que a inibem e levando em consideração que, por vezes, a criatividade é vista como a “força motriz”, sendo a escola responsável por incentivar o desenvolvimento da criatividade.

Uma primeira contribuição para este capítulo, refere-se as autoras Pocinho e Garcês (2018) que nos trazem inicialmente os objetivos principais dentro da escola tendo em vista preparar seus alunos para o “mundo lá fora”, ou melhor, para a cultura, para a sociedade, para diferença e para igualdade. E ao pensar criatividade nessa ótica, compreendê-la como algo inerente de cada ser humano é um dos melhores caminhos para preparar as crianças para o futuro.

As autoras nos proporcionaram ainda uma discussão em relação aos mitos que estão associados à criatividade, que por vezes é vista como algo que alguns são escolhidos para tê-la. No entanto, o que acontece de fato é que existem diferentes

estilos de criar e é na escola que muitas das diferenças emergem (POCINHO; GARCÊS, 2018, p. 92).

Assim, Pocinho e Garcês (2018) nos permitem uma nova visão na qual não devemos questionar o quanto de criatividade determinada pessoa tem, mas sim, como podem ser criativos, e neste aspecto, é interessante a escola considerar que cada indivíduo tem a sua particularidade, seu potencial e a sua responsabilidade individual.

Sendo uma organização de ensino, o ambiente escolar pode ser capaz de promover e potencializar a criatividade, no entanto, se faz necessário aplicações de práticas que sejam flexíveis, lúdicas e envolventes, e que sejam também de acordo com as necessidades e expectativas individuais dos estudantes, com a intenção de que o aluno perceba que ele possui sim capacidade para atender aos desafios da vida. Neste contexto, Souza e Pinho (2016), nos oferecem a reflexão de que:

[...] A criatividade promove, portanto, na esfera educacional, uma aprendizagem significativa que promove a combinação do lógico e o intuitivo, do intelecto e os sentimentos, do conceito e a experiência, da ideia e o significado. Quando aprendemos dessa forma, somos, de fato, seres integrais, utilizando para tanto, todas as nossas capacidades (SOUZA; PINHO, 2016, p.1919).

Essa ideia das autoras nos mostra em como se deve ser o ambiente escolar para uma aprendizagem significativa, na qual o processo de formação do indivíduo é contínuo e que não há uma terminalidade. Sendo vista assim, a escola, como um músculo que necessita de exercício para se desenvolver e ter sua funcionalidade, pois ela é um dos campos mais habilidosos para desenvolver a criatividade nas pessoas, por ser um palco de crescimento pessoal, social, profissional e cultural (POCINHO; GARCÊS, 2018, p. 93).

Assim, para que se tenha um espaço criativo dentro da escola, é pertinente que se ofereçam propostas pedagógicas que se voltem para a realidade atual que atendam ao ser, à sociedade, à natureza e a vida. Procurando sempre pelo caminho de estimular a curiosidade, a demonstração, a sensação, a incerteza, a lógica, a imaginação, a corporeidade e a conexão dos alunos, através de situações da vida e para a vida, valorizando o ser humano como um ser completo.

Ressaltamos, portanto, o quão importante é refletirmos em um espaço escolar que tenha em seus objetivos visões formadoras e transformadoras na qual dispõem

um replanejamento pedagógico coletivo, visando à formação integral de seus alunos.

2.2 A falta de incentivo da criatividade no ambiente escolar

Temos a criatividade como uma capacidade exclusiva do ser humano, porém existe a concepção de que está se manifesta apenas em algumas pessoas, uma ideia errônea, uma vez que o potencial criativo é inato a todo ser humano (SANTOS, 2018, p. 22).

Pensar em educação e criatividade implica primeiro em dizer que historicamente e tradicionalmente a educação tende a negligenciar o potencial criativo do aluno, tendo em vista que prevaleceu ao longo dos séculos um sistema educacional que se manteve fechado e enraizado em um ensino cujos métodos preconizavam uma formação pautada na memorização e transmissão dos conhecimentos, contribuindo para limitar a manifestação da criatividade (SANTOS, 2018, p. 34).

Assim, quando buscamos analisar a educação e a criatividade, dispomos que tradicionalmente, a escola tende a tratar a ação criativa com indiferença e desatenção, como apontado por Paulo Freire, sobre a concepção bancária de educação, em que o professor é a fonte de todo conhecimento e que o aluno é apenas visto como o receptor deste, tendo assim uma educação voltada para o “não pensar”, em que o aluno recebe a informação pronta apenas para que faça uma assimilação, inibindo todo processo da curiosidade, faz de conta, ideias novas e o sendo crítico, bloqueando assim, a manifestação da criatividade e também da própria autonomia.

Ainda vemos na escola a questão de uma postura tradicional de cópia, de repetição e de atribuição dos conhecimentos ao professor dentro do ambiente escolar, sendo visto como o “*detentor do saber*”, aquele que vai “*dar*” o conhecimento para o passivo aluno que vai “*receber*” o que já está pronto e acabado. É necessário substituir essa postura de passividade, para uma nova filosofia construtivista.

[...] A última coisa que uma criança precisa é passar as férias sentada na cozinha com o seu professor particular para preencher o “caderno de férias”, marcando as alternativas corretas, em vez de pensar à margem delas (L'ECUYER, 2016, p.111).

No entanto, a sede por uma hiper educação, que significa uma obsessão em adiantar etapas cognitivas e afetivas da criança para que a mesma seja uma

“supercriança” se faz presente em alguns espaços escolares. E como consequência, quando adiantamos etapas que não correspondem, colocamos as crianças em situações de frustração que podem repercutir na sua autoestima e principalmente na sua trajetória escolar, podendo criar uma espiral de fracasso capaz de afetar o desenvolvimento intelectual, emocional e social do aluno (L’ECUYER, 2016, p. 108).

Um exemplo que nos mostra claramente atitudes que fazem ocorrer a ausência de criatividade no aluno, é no conto da autora Helen Barckey: *Flor vermelha de caule verde*, como vemos a seguir.

Flor vermelha de caule verde

Era uma vez um menino. Ele era bastante pequeno e estudava numa grande escola. Mas, quando o menino descobriu que podia ir à escola e, caminhando, passar através da porta ficou feliz. E a escola não parecia mais tão grande quanto antes.

Certa manhã, quando o menininho estava na aula, a professora disse:

– Hoje faremos um desenho.

– Que bom! Pensou o menino. Ele gostava de fazer desenhos. Podia fazê-los de todos os tipos: leões, tigres, galinhas, vacas, barcos e trens. Pegou então sua caixa de lápis e começou a desenhar. Mas a professora disse:

– Esperem. Ainda não é hora de começar. E ele esperou até que todos estivessem prontos.

– Agora, disse a professora, desenharemos flores.

– Que bom! Pensou o menininho. Ele gostava de desenhar flores. E começou a desenhar flores com seus lápis cor-de-rosa, laranja e azul. Mas a professora disse:

– Esperem. Vou mostrar como fazer. E a flor era vermelha com o caule verde.

Num outro dia, quando o menininho estava em aula ao ar livre, a professora disse:

– Hoje faremos alguma coisa com barro.

– Que bom! Pensou o menininho. Ele gostava de barro. Ele podia fazer todos os tipos de coisas com barro: elefantes, camundongos, carros e caminhões. Começou a juntar e a amassar a sua bola de barro. Mas a professora disse:

– Esperem. Não é hora de começar. E ele esperou até que todos estivessem prontos.

– Agora, disse a professora, faremos um prato.

– Que bom! Pensou o menino. Ele gostava de fazer pratos de todas as formas e tamanhos. A professora disse:

– Esperem. Vou mostrar como se faz. E ela mostrou a todos como fazer um prato fundo.

Assim, disse a professora, podem começar agora.

O menino olhou para o prato da professora. Então olhou para seu próprio prato. Ele gostava mais de seu prato do que do da professora. Mas não podia dizer isso. Amassou o seu barro numa grande bola novamente e fez um prato igual ao da professora. Era um prato fundo.

E, muito cedo, o menino aprendeu a esperar e a olhar, e a fazer as coisas exatamente como a professora fazia. E, muito cedo, ele não fazia mais as coisas por si mesmo.

Então aconteceu que o menino e sua família mudaram-se para outra casa, em outra cidade, e o menino teve que ir para outra escola.

No primeiro dia, ele estava lá. A professora disse:

– Hoje faremos um desenho.

– Que bom! Pensou o menino. E ele esperou que a professora dissesse o que fazer.

Mas a professora não disse. Ela apenas andava pela sala. Então, veio até ele e falou:

– Você não quer desenhar?

– Sim, disse o menino. O que é que nós vamos fazer?

– Eu não sei até que você o faça, disse a professora.

– Como eu posso fazer? Perguntou o menino.

– *Da mesma maneira que você gostar. Respondeu a professora.*

– *De que cor? Perguntou o menininho.*

– *Se todos fizerem o mesmo desenho e usarem as mesmas cores, como eu posso saber quem fez o quê e qual o desenho de cada um?*

– *Eu não sei, disse o menininho.*

E ele começou a desenhar uma flor vermelha com caule verde.

Notamos que o conto relata um menino que toda vez que ia realizar um desenho, uma atividade que a professor pedia, antes mesmo de começar, a mesma mostrava como ela queria que fosse feito, que precisava desenhar de tal maneira e tinha que pintar com tais cores.

Ou seja, podemos observar que se a escola não estiver preparada para saber ensinar, o uso da repetição de tarefas monótonas, desmotivarão as crianças, prejudicando todo seu processo criativo. E com isso, os alunos crescerão igual ao menino do conto, sempre esperando uma resposta ou modelo para uma solução e não desenvolvendo, criando.

Então, conforme a reflexão de Helen Barckey (2010), é possível perceber que por meio de atividades maçantes, nas quais os alunos colorem desenhos prontos distribuídos pelos professores, as crianças podem regredir na criação de desenhos com suas próprias imaginações, além de apresentarem dificuldades em representar o mundo a partir de seus próprios referenciais sejam reais ou imaginários.

Assim, quando pensamos em que direção seguir para uma aprendizagem significativa, ressalta-se a importância do cotidiano não ser marcado pela monotonia, ou seja, é preciso fugir do previamente estabelecido e da falta de estímulos, pois do contrário vamos deixando de criar, o que pode ocorrer principalmente na escola, como vimos no exemplo do conto, quando a imposição de currículos desvinculados da realidade e a repetição de tarefas monótonas, desmotivam as crianças, prejudicando o processo de criatividade (SOUZA; PINHO, 2016, p.1917).

Cabe então, compreender que os alunos não chegam a escola como uma tábula rasa, mas que eles possuem conhecimentos prévios, os quais devem ser valorizados, além de que, por vezes um aluno apesar de ter tido pouco tempo de

estudo e de experiência em relação ao professor, pode encontrar uma solução que este nunca havia enxergado antes. Portanto, é importante a escola considerar desde cedo a bagagem que cada aluno traz com si, mesmo que seja pouca, pois isto contribui ricamente no seu processo criativo.

Ressaltando a escola como este lugar que pode estimular e ou bloquear a criatividade, Santos (2018, p.41) ressalta:

[...] o potencial contraditório da escola, por se configurar em um espaço que forma e deforma, que estimula e bloqueia, que possibilita e limita. Embora prevaleçam as segundas características, a instituição escolar pode se tornar por excelência o ambiente mais adequado e preparado para o incentivo da criatividade dos alunos.

Notamos assim, que a escola pode lapidar seus alunos a pensarem de forma igualitária, sem permitir que explorem sua criatividade. Sendo notório o efeito dessa dura realidade que estamos vivendo nos dias de hoje: a cultura do imediatismo. Onde as crianças e até mesmo os adultos entram em um ritmo acelerado sem fim dos afazeres, sem tempo para nada! As agendas estão cheias, sendo cada vez mais estimuladas com atividades, conteúdos e cobranças em excesso. Como consequência, quando age deste modo a escola contribui como um dos principais fatores que geram desde a infância nos alunos a impaciência, dificuldade de concentração, irritabilidade, problemas de aprendizagem, hiperatividade, além de serem influenciadas pelos modelos e realidades adultas que as cercam.

2.3 A tecnologia e a criatividade

Correlatando paradoxos da escola como um espaço para criatividade e como também um espaço que a reduz, continuaremos neste item nossas reflexões com uma maior ótica em como o uso da tecnologia vem sendo aplicado na escola, considerando sua significativa presença nos últimos tempos, sendo destaque inclusive no mercado de trabalho. Para tal debruçaremos com os autores L'Ecuyer (2016); Vik Muniz e Duda Falcão (2020) a respeito da tecnologia dentro do ambiente escolar e como seu uso pode estimular ou inibir o processo de desenvolvimento da inteligência e da imaginação das crianças.

Discutiremos inicialmente, tendo em vista que a escola é um espaço que busca um ensino que esteja voltado para os reais interesses dos alunos, as tecnologias digitais, que para L'Ecuyer (2016) podem contribuir para o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, do pensamento crítico, do levantamento de hipóteses, da averiguação, e também da invenção e da descoberta.

No entanto, é pertinente considerar que as tecnologias fazem parte do meio, sendo assim, podem potencializar ou não em relação ao desenvolvimento do indivíduo, ou seja, o grande desafio está em exatamente saber equilibrar as realidades e os estímulos que as crianças recebem, e considerar suas necessidades.

Assim, os estudos de L'Ecuyer (2016) nos questiona: “É bom que as crianças treinem a virtualidade do mundo digital antes da realidade do mundo?” (L'ECUYER 2016, p.145).

Ou seja, ao pensarmos a tecnologia na escola, precisa-se ter claro, que elas podem sim contribuir de forma eficaz e positiva, mas, que ela por si só não é capaz de inovar no processo de ensino e aprendizagem e nem de garantir momentos criativos, podendo por vezes ser utilizada como algo maçante e cansativo, como o uso intenso de *data-show* em aulas meramente expositivas, tornando-as monótonas e cansativas. Ou seja, não basta colocar o aluno na frente do computador, é necessária uma interação mútua de professor e aluno nesse processo de construção de conhecimento e da criatividade.

A vista desses efeitos podemos ainda segundo a linha de pensamento de L'Ecuyer:

[...] ser cautelosos com tudo aquilo que sufoque a curiosidade, esse impulso que nasce dentro da criança e que a faz questionar-se, interessar-se, imaginar, procurar, inventar é de suma importância para seu desenvolvimento intelectual e afetivo (L'ECUYER, 2016, p.140).

Com isso, entende-se que precisamos ser cautelosos com tudo aquilo que atrapalhe no processo criativo dos estudantes e compreender que a tecnologia pode contribuir de forma significativa na escola e, o que podemos ressaltar claramente na atual situação que estamos vivendo neste ano de 2020, no qual está havendo um uso mais frequente das tecnologias, diante do distanciamento social, por conta da pandemia que estamos vivenciando.

Sobre este contexto, no *Bate papo sobre criatividade*, realizado por Vik Muniz e Duda Falcão (2020) no Congresso LIV virtual, notamos as análises feitas por Muniz quanto a criatividade durante a pandemia. Com todo esse momento em que a sociedade está vivendo, tendo que se reinventar, as pessoas foram tiradas de sua zona de conforto e tiveram que explorar a criatividade para conseguir lidar com tal situação, pois com a quarentena, as pessoas estão tendo que ficar muito em um mesmo lugar, permitindo assim, que se passe a observar mais os locais que você sempre esteve, sempre convive, mas que não percebe ou explora.

Ele ainda nos traz que, para que uma pessoa possa ser de fato criativa, ela precisa ter emoções positivas, caso contrário, ela não será eficazmente criativa, pois a criatividade está diretamente ligada as emoções.

Por fim, diante da pandemia, as escolas precisaram fazer maior uso da tecnologia de forma rápida, eficaz e criativa para que os alunos não ficassem sem aula, até mesmo as crianças da Educação Infantil, criando vídeo aulas, para prender a atenção das crianças, propondo criação de brinquedos com materiais recicláveis, receitas de comidas para fazerem em casa, entre outras atividades e dinâmicas.

Assim, temos que os paradoxos relacionados a criatividade referem-se as questões que permeiam o estímulo e a redução da criatividade escolar, sendo através de atitudes relacionadas ao ambiente escolar, que a criatividade pode ou não se desenvolvida e explorada pelos alunos.

III - COMO A ESCOLA INCENTIVA A CRIATIVIDADE

Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção.

Paulo Freire

Nas discussões ao longo deste trabalho, explanamos sobre o potencial criativo do homem como condição essencial em sua vida, analisando como a escola participa e influencia no processo criativo. Diante disso, temos como objeto deste capítulo refletir sobre os fatores que podem contribuir para que a criatividade esteja presente no ambiente escolar e para isso nos referenciamos em autores como De Masi (2000), Padilha (2014), Castro (2006) e Rosas (2016).

3.1 A influência da ambiência escolar

Trazemos para uma primeira reflexão deste capítulo os estudos feitos por Padilha (2014, p.21) a qual defende a ideia de que para haver um ambiente escolar favorável ao desenvolvimento de habilidades criativas, faz-se necessário ter claro sua objetividade e intencionalidade manifestas no Projeto Político Pedagógico (PPP).

Temos no PPP diversos segmentos que permeiam sua construção, buscando oferecer oportunidade de reflexão e posicionamento no contexto em que a escola se insere, partindo da realidade local e permitindo dimensões mais amplas. Quando pensamos em como é possível inserir a criatividade nesse contexto, podemos então iniciar por questões da própria comunidade em que vivem: as origens de suas culturas, seu modo de vida, relações de trabalho, modo de vida em diferentes fases da trajetória.

Ainda cabe ressaltar acerca das definições que constam no PPP, de não discutir tão somente sobre os saberes que serão sistematizados, mas também nortear para práticas educativas que considerem a criatividade e a autonomia, selecionando, por exemplo, na área de ciências, não somente questões conteudistas, mas também relações entre procedimentos e atitudes, favorecendo assim que o aluno dê conta de

entender não somente o entorno imediato daquele assunto, mas que permita encontrar formas criativas e emancipatórias de ser e estar no mundo (PADILHA, 2014, p. 28).

O papel da gestão escolar é extremamente importante quando pensamos na criatividade dentro de instituição escolar, cabendo assim ao gestor considerar os atributos pessoais de cada profissional que atuam na escola, tendo o âmbito como um todo, o poder de estimular ou impedir a manifestação da criatividade, afinal, dentro de uma instituição escolar, todos os profissionais que lá atuam, são considerados educadores.

Dessa maneira, ao imaginarmos o perfil de um gestor que busca a criatividade como desenvolvimento primordial em sua escola, cabe algumas características como: a confiança no seu próprio potencial, estar disposto a arriscar, ter persistência, buscar inovar, sabe ouvir, ter iniciativa e autoconfiança. Todos esses atributos pessoais são importantes ao gestor, já que a criatividade está associada a tentar algo ainda não experimentado com resultados imprevistos (PADILHA, 2014, p. 34).

Estimular a criatividade no ambiente escolar, está associada a postura do educador diante a ideias que seus alunos trazem consigo, atentando-se ao pensamento criativo deste, para que não seja bloqueado diante do sistema educacional. Nesse sentido, podemos trazer as ideias de Paulo Freire que foram analisadas por Santos (2018, p.54), em que nos traz que a criatividade, ou melhor dizendo, que o pensamento criativo está associado ao processo de ensino e aprendizagem.

Diante dos fatos mencionados, é oportuno que a escola considere e reflita cuidadosamente em como o espaço da sala de aula vem sendo estruturado. L'Ecuyer (2016) afirma que é significativo que a escola leve em consideração de que as crianças possam conhecer e explorar outros cantos da escola. Como por exemplo, realizar uma atividade em uma área verde da escola. Pois, o contato com a natureza é um outro fator importante a ser considerado quando estamos falando sobre ambiência escolar (L'ECUYER, 2016, p. 167).

[...] as crianças devem encontrar espaços abertos da natureza nos quais elas possam correr, pular, descobrir e imaginar. Não somente nos dias de sol, também nos dias de chuva, em que o cheiro, as cores, a vegetação e os habitantes do ecossistema estão presentes (L'ECUYER, 2016, p.95).

A autora aponta a escola como um espaço de experimentação, exploração, conhecimentos, descobertas que proporcione ao estudante descobrir as coisas ao seu redor, todos os dias, de maneira diferente. Pois, as crianças amam estar em um ambiente “novo” e essas atitudes fazem com que elas fiquem mais calmas e sejam até mais criativas ao observar o seu redor de outro ângulo.

Nesse contexto, a escola pode contribuir positivamente no processo de desenvolvimento de seus alunos, sendo capaz de perceber que o que mais enriquece e incentiva os alunos, não é uma organização apagada na qual contém, por exemplo, a presença de figuras estereotipadas de personagens vinculados a mídia nas paredes das salas de aula, mas sim na beleza do ambiente através da valorização dos desenhos e objetos que fazem parte do mundo das crianças.

No entanto, precisamos refletir que ainda há escolas fechadas a estas ideias, onde todo tempo e espaço precisam ser preenchidos na rotina das crianças, tal como, os intervalos e parques que duram em média 15 minutos, além das atividades rotineiras que acontecem dentro de sala de aula.

Seguindo este pensamento de limitação de tempo e espaço escolar, De Masi (2000) vem ao encontro com estes paradoxos ratificando que ainda há escolas que não buscam fazer a intersecção do tempo livre, do estudo e do trabalho. Onde o estudar é transmitido como uma atividade “chata” e pesada para as crianças, nas quais são ensinadas desde cedo a serem trabalhadores eficientes do futuro (p.314).

Ou seja, o autor nos remete a refletir sobre o cuidado que a escola deve ter ao ensinar as crianças, como não só estudar ou trabalhar, já que isso é algo realizado naturalmente, mas, principalmente, como organização de ensino, ensinar a melhor forma para realizar os seus lazeres, uma vez que muitas crianças não sabem como se divertir, se distrair, e até mesmo, brincar em um parque ao ar livre sem brinquedos industriais (DE MASI, 2000, p.326).

De Masi (2000) demonstra o quão pertinente se faz uma instituição de ensino instruir os estudantes a desacelerar, a se acalmar para que consigam esperar, se concentrar e aprender. Onde o tempo livre, seja praticado para relaxar, para pensar, criar, e principalmente, para brincar. Pois ter tempo livre, muitas vezes para a sociedade pode parecer o ato de “não fazer nada”, mas, para as crianças, podemos

dizer que o “ócio” consiste no berço da criatividade e trata-se de um grande fermento para a construção do pensamento.

Em síntese, L’Ecuyer e De Masi insistem que o espaço escolar leve em consideração um ambiente que esteja de acordo com a realidade dos alunos, contendo, por exemplo, objetos que convidem a criança a agir, a multiplicar seus esforços, através de ideias renovadoras, atraentes e que se aproximem ao máximo do mundo das crianças. Assim, podemos perceber que o incentivo desses espaços próximos à realidade do aluno, da natureza, da beleza, auxilia o sujeito a produzir seu conhecimento, a sua autonomia e o desenvolvimento de uma aprendizagem significativamente criativa. Temos ainda que considerar o tempo no espaço escolar se faz necessário para que exista uma dosagem entre estudos e momentos livres na escola, buscando evitar limitações com o tempo destinado à intervalos, por exemplo, que por vezes, são tidos como algo que precisa ser breve para que os alunos voltem para a sala de aula.

3.2 Atividades criadoras

Cabe nessa discussão, analisarmos sobre de que forma as atividades auxiliam nesse processo de criatividade. Ao nos debruçarmos no artigo de Santos (2018, p.28) notamos um enfoque no que diz respeito ao processo criativo em si, afinal, ninguém cria do nada. Sendo a preparação o grande apoio para a emergência de novas ideias e formas de pensar sobre determinado assunto ou questão.

Neste contexto, Castro (2006, p.6), com base em Vygotsky afirma que: “[...] a atividade criadora engloba toda criação do novo, seja esta criação artística, científica ou técnica”. Ou seja, para ele, tudo a nossa volta que foi criado por mãos humanas é produto da imaginação e da criação do homem.

Ao abordar a atividade criadora, a autora ainda conforme os estudos de Vygotsky afirma que:

[...] quanto mais a criança experimentar, quanto mais interagir com o mundo, com os objetos à sua volta e com as pessoas ao seu redor, maior e mais rico será o material que a criança acumulará para servir de base para a atividade criadora; também mais ricos e diversificados serão seus elementos de referência (CASTRO, 2006, p.7).

Isto significa que, quanto mais conhecimento se constrói, mais o indivíduo se desenvolve cognitivamente e torna-se capaz de criar ou imaginar o novo. Ou seja, percebe-se que tal capacidade criadora não se encontra desvinculada da realidade cotidiana, restrita a um universo apenas fantasioso, mas resulta de interações contínuas entre o sujeito e o mundo que o rodeia, assim como de interação entre os sujeitos, partilhando histórias e desejos.

Assim, alimentar a fantasia pode ser um ótimo fermento para o pensamento e a criatividade, de maneira que a imaginação e a criação não surgem do nada, mas são frutos de experiências anteriores do sujeito, nas quais para Castro (2006, p. 7) [...] “os elementos que as compõem são recombinações e reelaborados formando um todo novo”.

Logo, é importante que a escola ofereça situações nas quais os alunos possam ter diretamente o contato com experiências variadas e ricas. Experiências estas que não se limitam a considerar criativas apenas as invenções e obras dos grandes gênios, artistas e cientistas reconhecidos. Afirma Castro (2006):

[...] a função imaginativa está em dependência direta da experiência, necessidades, interesses daqueles no qual se manifesta, está em dependência dos conhecimentos que acumulamos e das tradições das quais fazemos parte, mas também e, principalmente, está em dependência direta do meio ambiente que nos rodeia (CASTRO, 2006, p. 7).

Sob a mesma ótica, a autora traz o conceito de que é significativo que a escola ofereça aos estudantes informações importantes que possam contribuir para o desenvolvimento efetivo e significativo de cada um.

É válido então que a escola proporcione distintas tarefas e alterne diferentes formas de avaliação, criando por exemplo, atividades coletivas em que os alunos possam divulgar trabalhos realizados e que tenham também autonomia para realizar diferentes atividades propostas como: feiras de ciência, roda do livro, contação de histórias, além de permitir que possam explorar diferentes ambientes.

São através dessas propostas que será possível levar aos alunos a produção de novas ideias, contribuindo para que os mesmos possam analisar criticamente um acontecimento, estimulando assim o levantamento de múltiplas hipóteses.

Portanto, se faz importante no processo da elaboração de atividades criadoras na escola, que o aluno seja visto como protagonista, que pense criticamente e tenha voz em seu processo educativo. Cabendo assim ao professor inovar estratégias que propiciem o desenvolvimento criativo, trabalhando com feedbacks de atividades discutidas em sala, além de relacionar os conteúdos aprendidos com o cotidiano dos mesmos.

3.3 O professor e o processo criativo

Para iniciarmos essa discussão, vale trazemos os estudos de Paulo Freire (1996, p. 57), o qual reflete a importância da substituição da Educação Bancária por uma Educação Libertadora, uma vez que na primeira o professor entende o aluno como uma tábula rasa, sem conhecimentos prévios, e sendo apenas o professor o detentor de todo saber. E na segunda, uma educação na qual o aluno se apresenta como protagonista de seu conhecimento e o professor como mediador do mesmo, permitindo assim, explorar a criatividade.

Com isso, é considerável compreender que o professor apresenta um papel fundamental na promoção da criatividade produtiva em sala de aula e pode fazer uso de novas práticas pedagógicas, reinventando a aula expositiva, explorando discussões em grupo, jogos, entre outras atividades, considerando assim que cada indivíduo tem sua particularidade e seu potencial, por isso, é importante procurar seguir pelo caminho que estimule a criatividade, a imaginação e a lógica.

Pois, quando se tem um professor comprometido com o processo de aprendizagem de sua turma, estabelece automaticamente um laço positivo com eles, além de abrir portas para questionamentos, reflexões, experiências, que conectam os alunos entre si (SOUZA, PINHO, 2016, p.1911). Um importante fator que pode auxiliar também positivamente nessa interação de vínculos trata-se da motivação, a qual pode auxiliar positivamente na exploração e desenvolvimento da criatividade.

Ao analisarmos o artigo *A motivação escolar e o processo de aprendizagem* de Lourenço e Paiva (2010), buscamos entender o significado da palavra motivação, a qual é autoexplicativa, pois ela significa um motivo unido a uma ação.

Assim, ao trabalhar com motivação o indivíduo busca ações e comportamentos que levam a uma satisfação, para então, retornar ao seu estado inicial de equilíbrio, e para isso usa a criatividade, tendo assim o professor um papel fundamental ao longo desse processo.

Sabemos que, explorar exercícios de criatividade dentro da sala de aula pode parecer algo difícil, e de fato pode ser, pois pode exigir mais tempo e mais trabalho ao professor, afinal pode ser mais cômodo, mais “seguro” utilizarmos modelos mais mecanizados e formais, como aulas expositivas e conteudistas, do que formular aulas de forma criativa que possa permitam um melhor entendimento e envolvimento por parte dos alunos.

Medeiros, Reali e Pawlas (2015), nos trazem os estudos de Alencar, em que o mesmo reflete, que todos possuem potencial criativo, em diferentes graus, mas para que possa de fato ser desenvolvido, é necessário a busca de diferentes formas para que este pode ser desenvolvido e aprimorado, uma vez que a criatividade não surge do nada.

Por exemplo, orientar os estudantes sobre tarefas e buscar lhes mostrar onde erraram e auxiliá-los em resolver tal problemas, é um dos primeiros passos para a aprendizagem acontecer. Pois de nada adianta o professor corrigir a tarefa, ver o que seu aluno errou e não retomar com ele. Vale então mostrar a ele que é sim capaz de realizar tal tarefa, e que faz parte da aprendizagem, os erros e os acertos.

Precisamos deixar claro que ensinar e aprender não se deve pautar em um autoritarismo do professor sobre o aluno. É essencial procurar manter uma relação horizontal, o que facilita e incentiva o pensamento criativo, uma vez que em uma relação de autoritarismo haverá um bloqueio no potencial criativo dos alunos (SANTOS, 2018. p. 55).

Dessa forma, ao olharmos para a escola notamos que ela pode explorar a criatividade de forma significativa e que ela faz parte de um processo quando possibilita espaço para experimentação, exploração, conhecimentos e descobertas, influenciando na promoção da autonomia do sujeito e no seu potencial criativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa de natureza bibliográfica apontamos primeiramente o grande número de trabalhos sobre a temática educação e criatividade, no qual nos deparamos com diferentes abordagens, o que inicialmente gerou uma dificuldade na busca por um foco na temática, prevalecendo estudos de De Masi (2000), L'Ecuyer (2016), Santos (2018), Rosas (2016), Sakamoto (2008), Pocinho e Garcês (2018) e Souza e Pinho (2016), que trazem contribuições relacionadas a escola no processo criativo do indivíduo, a influência da ambiência, das práticas educativas e do papel do professor nesse processo educativo.

A pesquisa foi apaixonante em função de como esse tema é explorado, e de como ele se mostra atemporal, trazendo estudos mais antigos como no ano de 2000, e mais atuais como no ano de 2016 e 2018, mas que mesmo com essa diferença cronológica, se fazem muito atuais e convergentes em relação às características que trazem consigo quando se diz respeito de como o aluno desenvolve o seu senso de criatividade.

Evidencia-se diante das reflexões acumuladas ao longo deste trabalho, que a criatividade se mostra como uma capacidade de cada ser humano, que permite comportamentos novos e adaptativos diante de circunstâncias diferentes, e que ela faz parte do desenvolvimento humano desde o nascimento.

Acreditamos ainda que a criatividade não está associada apenas ao domínio da arte, em que somente pessoas ligadas a esse universo, apresentam e a desenvolvem de fato, mas que a mesma, se faz presente em todos os campos e áreas de conhecimento.

Diante das análises bibliográficas, verificamos que a escola faz parte desse processo, podendo influenciar de forma favorável, auxiliando assim na promoção da autonomia do sujeito desde a infância, tendo a instituição escolar um espaço de experimentação, exploração, conhecimentos e descobertas que proporcione ao estudante descobrimentos ao seu redor, todos os dias, de maneira diferente.

Entretanto, ao mesmo tempo que a escola se apresenta como um local que estimula a criatividade, ela pode também inibi-la diante de atitudes limitadas como

vimos nos estudos de Paulo Freire (1996) sobre uma Educação Bancária, em que o professor é considerado o detentor de todo conhecimento e o aluno visto apenas como uma tabula rasa, que vai para escola receber e memorizar o conteúdo que será depositado pelo professor.

Percebemos também que estimular a criatividade no ambiente escolar, está associada a postura do educador diante de ideias e das atividades criadoras propostas por ele, atividades estas em que o aluno seja visto como protagonista, que pense criticamente e tenha voz em seu processo educativo, atentando-se ao pensamento criativo deste, para que não seja bloqueado diante do sistema educacional, sendo o professor um elemento essencial nesse processo, mas que também pode reduzi-la, diante de atitudes cotidianas na sala de aula.

A partir disso concluímos que a escola pode ser criativa e formar seu aluno para a sociedade através de atividades que os permitam vivenciar além da sala de aula, ampliando assim, seu leque de oportunidades que permitirá que eles “saiam da caixinha”.

Destacamos que realizar este trabalho nos permitiu refletir nossa trajetória escolar em que predominou poucos estímulos para a criatividade, observando que realizávamos atividades maçantes nas quais coloríamos desenhos prontos distribuídos pelos professores, além de nos direcionarem a qual cor tínhamos que pintar, nos fazendo regredir na criação de desenhos da nossa própria imaginação.

Por fim, como futuras professoras, esta temática nos trouxe um rico crescimento profissional contribuindo na soma de nossos conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Pedagogia e no decorrer de estudos para a elaboração deste trabalho, nos permitindo ter novas visões da importância de uma Educação Libertadora dentro do ambiente escolar, enxergando o aluno como um indivíduo ativo, que possui conhecimentos prévios e que pode ser protagonista da sua aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BARCKLEY, Helen. **Flor vermelha de caule verde**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3255227/mod_resource/content/1/Conto%20-%20Flor%20vermelha%20de%20caule%20verde.pdf
- BRITO, Ronnie Fagundes de; VANZIN Tarcisio; ULBRICHT, Vânia. Reflexões sobre o conceito de criatividade: sua relação com a biologia do conhecer. **Ciênc. cogn.** v.14 n.3 Rio de Janeiro nov. 2009. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212009000300017
- CASTRO, Ana luisa Manzini Bittencourt de. O desenvolvimento da criatividade e da autonomia na escola: o que nos dizem piaget e Vygotsky. **Rev. psicopedag.** São Paulo, vol.23, n. 70, 2006. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000100007&lng=en&tlng=en
- COSTA, C. V. da; BOTOSSO, L. A.; ARAUJO, L. P.; COSTA, L. da. **AS TECNOLOGIAS E O DESENVOLVIMENTO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**. XXII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica. Universidade do Vale do Paraíba. Out. 2018.
- CRIATIVIDADE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/criatividade/>
- CUNHA, Susana Rangel Viera da. **As artes do universo infantil**. Dulcimarta Lemos Lino. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- DAMAZIO, Reinaldo Luiz. **O que é criança**. Editora Brasiliense. 1991.
- DUTRA, Ayrton Corrêa. Criatividade e Educação. **Linguagens & Cidadania**, v. 1, n. 2, jul./dez., 1999. <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/31533/17308>
- FILHO, Gilson Soares Raslan Filho; BARROS, Janaina Visibeli. **Criatividade na Escola: emancipação ou instrumentalização?** Educ.Real. vol.43 no.4 Porto Alegre out./dez. 2018 Epub 08-Out-2018. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362018000401499&lng=pt&tlng=pt
- FONTOURA, A. M. EdaDe: **A educação de crianças e jovens através do design**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/82554>
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 1996

L'ECUYER, Catherine. **Educar na curiosidade**. A criança como protagonista da sua educação. 3ª d. Fons Sapientiae. São Paulo, 2016.

LOURENÇO, Abílio Afonso; PAIVA, Maria Olímpia Almeida de; A motivação escolar e o processo de aprendizagem. **Ciênc. cogn.** vol.15 no.2 Rio de Janeiro ago. 2010. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000200012

MASI, de Domenico. **O Ócio Criativo**. Editora Sextante,2000. Edição 7

MEDEIROS, Fabíola de; REALI, Klevi Mary; PAWLAS, Nilsa de Oliveira. **CRIATIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR**. Curso de especialização em Gestão Escolar. 2015. <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/558/5/MEDEIROS%20C%20Fab%20de%20-%20Criatividade%20no%20Ambiente%20Escolar%20%281%29.pdf>

MORAN, José Manuel. A contribuição das tecnologias para uma educação inovadora. **Contrapontos**, Itajaí, v. 4, n. 2, p 347-356, maio/ago. 2004.

NICOLAU, Marcus. **Introdução à criatividade**. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2018. https://ludosofia.com.br/wp-content/uploads/2018/11/introducao_novo.pdf

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Editora Vozes, 2001. Edição 15.

PADILHA, Regina Célia Habib Wipieski. **A criatividade no ambiente escolar**. UNICENTRO, Paraná, 2014. <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/975/5/Criatividade%20no%20ambiente%20escolar%20%282%29.pdf>

POCINHO, Margarida; GARCÊS, Soraia. **Psicologia da Criatividade**. Portugal: Universidade da Madeira, 2018. Edição 1. <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/2006/1/Psicologia%20da%20Criatividade.pdf>

POCINHO, Margarida; GARCÊS, Soraia. **Capítulo V - Criatividade e Educação: Um “Bicho de 7 Cabeças”**. Universidade da Madeira, Abril, 2018. <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/2011>

RAPHAEL, Jan; ANTONIO, Francisco; SALOMÃO, Luiz. Aplicações da criatividade na educação brasileira. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 17, n. 52, p. 575-593, abr./jun. 2017. https://www.researchgate.net/publication/317919998_Aplicacoes_da_criatividade_na_educacao_brasileira

ROSINI, Alessandro Marco. O uso da tecnologia da informática na educação. Uma reflexão no ensino com crianças. **IPV**, abril/2003. <http://www.ipv.pt/millennium/millennium27/15.htm>

ROSAS, Agostinho da Silva. Paulo Freire na trilha da criatividade libertadora. **Interritórios Revista de Educação**. Universidade Federal de Pernambuco Caruaru, BRASIL, vol.2, n.2, 2016.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/view/5022/4306>

ROBINSON, Ken. **Será que as escolas matam a criatividade?** TED. Fevereiro 2006.

https://www.ted.com/talks/sir_ken_robinson_do_schools_kill_creativity?language=pt-br

SAKAMOTO, Cleusa Kazue. O brincar da criança - criatividade e saúde. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, vol. XXVIII, núm. 2, julho-dezembro, 2008, pp. 267-277 Academia Paulista de Psicologia São Paulo, Brasil.

<https://www.redalyc.org/pdf/946/94628214.pdf>

SANTOS, Luiz Fernando Amaral dos. **APOSTILA METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA II**. Faculdade Metodista de Itapeva. Itapeva, 2006.

<https://www.socrates.cnt.br/apostmetoditapeva.pdf>

SANTOS, Maria Silvana de Sousa. **Criatividade na educação - caminho para autonomia: um olhar a partir da feira da criatividade**. Universidade Federal do Pará, Belém-PR, 2018.

<http://ppgedufpa.com.br/arquivos/File/DissertaMARIASILVANA.pdf?fbclid=IwAR35905Q2VNkagd3jCg3hvy8tP3KkMGKI-w5bZlElmD-ddhvLRPZMVwdbgw>

SOUZA, Ana Maria Barreto Nascimento. O homem e a criatividade. **Portal da Educação**. 2013.

<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/marketing/o-homem-e-a-criatividade/51353>

SOUZA, Kênia Paulino de Queiroz; PINHO, Maria José de. Criatividade e inovação na escola do século XXI: uma mudança de paradigma. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 11, n. 4, p. 1906-1923, 2016.

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/6636/6013?fbclid=IwAR2qh9dd-Jo34xreQglxGXjvy8p4qK8-vQFhs6LUhTI0sVEhuJkiCZp47y4>